

VIRANDO O JOGO: O FUTEBOL DE MULHERES PARA ALÉM DA EXCLUSÃO COM AS BOLEIRAS DO ATERRO NO RIO DE JANEIRO

Turning the tide: women's soccer beyond exclusion with the Aterro Soccer Players in Rio de Janeiro

Liliane Macedo¹

Resumo

Esse artigo é derivado de uma tese de doutorado em que foi realizada uma etnografia juntamente com um grupo de mulheres que jogam futsal semanalmente em uma quadra pública no Rio de Janeiro. Em um diálogo entre Educação e Antropologia foram levantadas questões sobre gênero, agência e sociabilidade. Para obtenção dos dados foi utilizada a observação participante. O trabalho de campo revelou como se dão as interações das mulheres com esse espaço, entre elas mesmas e com os homens que participam dos jogos. É um grupo fluido, no qual, semanalmente, acontecem associações e dissociações e o único fator recorrente é o acontecimento dos jogos. A relação com os homens, os usos do espaço público, os churrascos, o grupo do WhatsApp e a heterogeneidade desse grupo fazem com que ele seja único. A Teoria Ator-Rede (ANT) de Bruno Latour foi utilizada para descrever como a realidade das Boleiras se descortina e como ocorrem as agências. No Aterro do Flamengo, essas mulheres constituem um modo próprio de prática desse esporte. Em uma relação em que o futebol é o elo e o parque o espaço que possibilita a ocorrência da prática, elas incorporam o jogo e todas as relações nele implicadas. O texto enfatiza que o futebol de mulheres vai além da simples resistência à exclusão, configurando-se como uma produção cotidiana de subjetividades e identidades. O grupo subverte normas de gênero e transforma a quadra em um território de aprendizado e convivência coletiva.

Palavras-chave: Futebol; gênero; agência; sociabilidade

Abstract

This article stems from a doctoral thesis that conducted an ethnography with a group of women who play soccer weekly on a public court in Rio de Janeiro. Through a dialogue between Education and Anthropology, questions about gender, agency, and sociability were raised. A participant observation was carried out to obtain the data. The fieldwork revealed how women interact with this space, among themselves, and with the men who participate in the games. It is a fluid group where associations and dissociations occur weekly, and the only recurring factor is the occurrence of the games. The relationship with the men, the uses of the public space, the barbecues, the WhatsApp group, and the heterogeneity of this group make it unique. Bruno Latour's Actor-Network Theory (ANT) was used to describe how the reality of Boleiras unfolds and how agency occurs. At Aterro do Flamengo, these women constitute their

¹ Doutorado concluído na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0478-8686>. E-mail: liicamacedo@gmail.com.

own way of practicing this sport. In a relationship in which soccer is the link and the park is the space that allows the practice to occur, they incorporate the game and all the relationships involved in its practice. The text emphasizes that women's soccer goes beyond simple resistance to exclusion, configuring itself as a daily production of subjectivities and identities. The group subverts gender norms and the sports court becomes a space for learning and collective interaction.

Keywords: Soccer; gender; agency; sociability

Introdução

No Brasil, o futebol é um esporte que ocupa um local de destaque entre os demais e isso se deve à sua ampla difusão e intersecção com fatos sociais. Aqui, o futebol não é somente uma modalidade esportiva. E, por isso, passou a ser um objeto de estudo e espaço de discussão para cientistas sociais em fóruns acadêmicos nacionais e latino-americanos (Damo *et al.*, 2008).

Roberto DaMatta (1994) sinaliza como se deu o processo de popularização do futebol no Brasil que o transformou neste instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da nossa sociedade. O futebol, hoje em dia, é uma prática em que códigos, interesse, identidades, redes de sociabilidade e uma diversidade de sujeitos estão envolvidos, constituindo-se como prática profissional, educativa, ritual e cotidiana, como coloca Eliene Lopes Faria (2008).

Apesar dessa identificação do futebol com o povo brasileiro, este esporte ainda é marcadamente masculino. Como apontado por diversos autores² que estudam o futebol no Brasil, a democratização deste esporte e sua consolidação enquanto identidade nacional não aconteceu da mesma forma para as mulheres. Elas foram vítimas de um intenso processo de exclusão dessa prática, fomentada por leis. Somente na década de 1980 as mulheres foram autorizadas legalmente a praticar esse esporte. Entretanto, esses próprios autores mencionados afirmam que, mesmo ilegalmente, mulheres já praticavam esse esporte.

Em menores proporções quando comparado ao futebol masculino, o futebol feminino hoje possui maior representatividade no cenário esportivo brasileiro e mundial. Ao praticar futebol, as mulheres movimentam uma série

² Faria (2008), Esperança Sardinha (2011), Silvana Goellner (2005), Fábio Franzini (2005), Suraya Darido (2002) etc.

de símbolos e significados que envolvem questões de gênero, sociabilidade e aprendizagem. Para Damo *et al.* (2008), as *performances* do esporte promovem entretenimento, excitação e sociabilidade do público.

O texto deste artigo deriva de uma tese de doutorado situada nesse contexto de análise dos significados implicados na prática desse esporte por mulheres, como também na investigação da fruição dessa atividade em seu contexto histórico e social. A pesquisa foi realizada juntamente a um grupo de mulheres que praticam o futebol/futsal³ amador, semanalmente, em uma quadra pública na cidade do Rio de Janeiro – as “Boleiras do Aterro”. O futebol amador praticado por essas mulheres não é apenas lazer ou prática esportiva, mas uma forma cotidiana de produção de sociabilidade, ocupação do espaço público e construção de agência feminina, tensionando normas históricas de gênero no futebol brasileiro.

O grupo das Boleiras do Aterro é um grupo grande e bem heterogêneo, considerando o perfil de suas participantes, e possui organização e regras próprias, além de acontecer em um espaço público – o Aterro do Flamengo.⁴ Esses fatores fazem com que esse grupo tenha sua própria individualidade e importância social. As jogadoras possuem idades bem diferenciadas. Durante a observação em campo, que se deu entre 2021 e 2023, identificamos meninas de 16 anos, assim como mulheres de 63. Elas são oriundas de diversos bairros do Rio de Janeiro e não somente dos arredores do Aterro. É um grupo que se reúne desde 2016 e tem uma rotatividade muito grande de participantes. Nas redes sociais do grupo encontramos a descrição do mesmo como:

Grupo de mulheres que amam jogar futebol. Nos reunimos todos os domingos das 09:00 às 11:00 h na quadra perto do posto 2 - Praia do Flamengo (Aterro). Entre em contato conosco para que seu número seja incluído no nosso grupo de WhatsApp.

³ Vale pontuar que em alguns momentos do texto uso Futebol e Futsal como sinônimos. O Futsal é uma adaptação do futebol para prática em uma quadra esportiva, com times de cinco jogadores cada. Anteriormente era chamado também de Futebol de Salão. Maiores informações podem ser encontradas em: <<https://www.cbfs.com.br/futsal-origem>>. Acesso em 20 mar. 2021.

⁴ O Parque do Flamengo, oficialmente nomeado Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, mas conhecido popularmente como Aterro do Flamengo, é um parque urbano à beira mar com 1.251.244, 20 m² de área verde, localizado no Bairro do Flamengo, junto à orla da Baía de Guanabara. Ele se estende do Aeroporto Santos Dumont até o início da Praia de Botafogo. Foi inaugurado em 12 de outubro de 1965, mesmo ano de seu tombamento realizado pela Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) o atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – com base em Ana Almeida (2012); Márcia Chuva, (2017); Maria Lucia Menezes (2017); Ana Rosa Oliveira (2006); Haruyoshi Ono (2002); Portal Multirio (O Aterro..., [s.d.]); e Portal Rio Prefeitura (Parque..., [s.d.]; Informações..., [s.d.]).

O Aterro é conhecido por seus frequentadores e moradores do Rio de Janeiro como um lugar privilegiado para a prática de atividades físicas, esportes e lazer desde sua inauguração. O tombamento foi importante para garantir que não houvesse outras implicações e usos diferentes das suas finalidades iniciais. Apesar da disputa constante e das inseguranças sobre os usos do espaço, o parque se tornou uma grande área de lazer e práticas esportivas na cidade do Rio de Janeiro e é frequentado por moradores de todos os bairros e não somente por aqueles que residem no entorno e, mesmo localizado na Zona Sul, não se elitizou, tornando-se uma área de convívio e diversão popular (Almeida, 2012).

De acordo com Almeida (2012), as peladas acontecem nas quadras de futebol do Aterro desde sua inauguração, e estas são provavelmente o “pedaço” mais ocupado e disputado do parque. Ela mostra, a partir de sua pesquisa em jornais, como o Aterro do Flamengo passou a ser considerado o lugar das peladas e “templo sagrado” dos peladeiros na cidade do Rio de Janeiro. Sobre os peladeiros, ela afirma que:

Eles compartilham códigos comuns e fazem daquelas quadras uma área de sociabilidade que, em determinadas circunstâncias, vai além do esporte. Aquelas quadras de futebol são o ‘pedaço’ dos peladeiros no Aterro do Flamengo e na cidade do Rio de Janeiro e lá eles se identificam enquanto tal (Almeida, 2012, p. 29).

Em uma reportagem da revista Placar, em 1971, sobre o Campeonato Carioca de pelada, o Aterro já era conhecido como palco das peladas na cidade. Entretanto, esse espaço é ocupado majoritariamente pelo público masculino. Na pesquisa, foi possível identificar como as Boleiras enxergam a relação de ser mulher nesse espaço. Elas reconhecem as discriminações enfrentadas em razão do gênero, mas também compreendem todo o caminho que já foi percorrido até aqui e o papel que possuem ao perpetuar essa prática em um espaço público e aberto a todas as mulheres que desejam jogar. As jogadoras afirmam que o grupo, que ocupa esse espaço há muitos anos, possui uma responsabilidade social pela ocupação desse espaço masculino e que servem de exemplo para outras meninas e mulheres.

Quando abordamos o futebol de mulheres, grande parte das pesquisas focam nas discriminações, exclusões e proibições históricas. Poucas pesquisas focam na compreensão do futebol para além do jogo, o jogo como um “fato social” no qual o foco está nas jogadoras e o jogo enquanto um espaço de produção de subjetividades, de construção de relações e de aprendizagem e sociabilidade. Assim, a discussão sobre agência permitiu compreender as jogadoras de futebol a partir de uma perspectiva comparativa e crítica. Observou-se que cada mulher possui modos singulares de ser e existir no mundo, tensionando os estereótipos de gênero e as práticas discriminatórias que frequentemente reduzem suas vivências no esporte tão somente às situações de preconceito. Na Antropologia, encontrei o aporte teórico que permitiu ir além dessa visão reducionista do que é o futebol feminino, especialmente o amador, no Brasil, reconhecendo as discriminações enfrentadas pelas Boleiras em sua prática futebolística, em razão do gênero, mas não reduzindo sua participação ao preconceito enfrentado.

Assim, este artigo busca analisar como mulheres praticantes de futebol amador no Aterro do Flamengo produzem formas de resistência cotidiana, agência e sociabilidade através da ocupação coletiva do espaço público. Para obtenção dos dados foi realizado um trabalho de campo etnográfico utilizando a observação participante.

Meu esforço foi o de buscar compreender o futebol para além do jogo, o jogo como um “fato social” a partir da noção de “fato social total” de Marcel Mauss (2003), em que o foco está nas jogadoras e o jogo enquanto um espaço de produção de subjetividades, de construção de relações, de aprendizagem e sociabilidade. Segundo o autor:

Nesses fenômenos sociais ‘totais’, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (Mauss, 2003, p. 187).

Agência, futebol e redes de sociabilidade

A ocupação do espaço do Aterro pelas mulheres é, por si só, uma modalidade de agência e um ato de resistência. A partir da prática do futebol, as Boleiras constroem redes de sociabilidade que subvertem a ordem urbana vigente.

A agência, aqui, é entendida por meio do paradoxo da subjetivação, sendo – segundo Saba Mahmood (2006, p. 135):

um processo que não só assegura a subordinação do sujeito às relações de poder, mas também produz os meios através dos quais ele se transforma numa entidade autoconsciente e num agente. Nesta perspectiva, a agência não é simplesmente um sinônimo de resistência a relações de dominação, mas também uma capacidade para a ação facultada por relações de subordinação específicas.

Dessa forma, devemos pensar a “agência” não simplesmente como um sinônimo de resistência às normas sociais, mas como uma modalidade de ação que levanta questões interessantes sobre o tipo de relação estabelecida entre o sujeito e a norma (Mahmood, 2005). É preciso “conceptualizar a agência não só como um sinônimo de resistência a relações de dominação, mas também como uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações de *subordinação* específicas” (Mahmood, 2006, p. 133, ênfase no original).

Pensar a prática de futebol por mulheres, em um espaço público ocupado majoritariamente por homens, a partir do conceito de agência contribui para reflexão e compreensão das ações realizadas pelas Boleiras para permanência nesse espaço, que podem ser de resistência ou não. Existem poucas pesquisas que apontam as estratégias utilizadas pelas jogadoras na prática do futebol e as poucas que apresentam não fazem nenhuma relação com o conceito de agência. Mas, ao fazer essa relação, podemos compreender as praticantes desse esporte, como agentes, e entender que suas ações dentro desse espaço esportivo são feitas conscientemente.

Pensando no grupo das Boleiras do Aterro, o futsal é o que une essas pessoas. Entretanto, apesar de ter participantes que estão presentes praticamente todos os domingos, este agrupamento possui uma especificidade: existe uma constante modificação das integrantes. Praticamente todo domingo é possível observar uma nova jogadora, ou

jogadoras pontuais, que estão pelo Aterro e participam somente naquele dia. Também acontece de Boleiras que participam do grupo há muitos anos passarem muito tempo sem ir jogar. Portanto, nessa dinâmica, não importa quem são as mulheres presentes, o que realmente importa é que tenha a quantidade necessária para que seja possível a realização do jogo. Nessa dinâmica, semanalmente acontecem associações e dissociações e o único fator recorrente é o acontecimento dos jogos, independentemente de quais sujeitas estejam presentes.

George Simmel (1983, 2006) defende que a base da sociedade humana se dá a partir da interação entre os indivíduos que se agrupam em unidades a partir de seus interesses individuais, e se desenvolvem conjuntamente para satisfazer tais interesses. É na interação com o outro que as coisas se tornam sociais. Simmel nomeia essa forma de interação como “Sociação”. A sociação depende da forma e do conteúdo, sendo a forma caracterizada como a maneira em que os indivíduos interagem e o conteúdo é tudo que existe no indivíduo como interesses, impulsos e objetivos. Dessa maneira, a sociação cria diversas formas de interagir, guiadas pelo interesse. Esse interesse e necessidade faz com que os indivíduos se unam em um desejo de estar associados, pois existe uma satisfação nisso. Simmel (1983) nomeia esse fenômeno como “impulso da sociabilidade”, que faz com que a sociação seja um valor apreciado. Isso constitui a sociabilidade.

A sociabilidade é definida pelo autor como forma lúdica ou autônoma da sociação, desligada de qualquer formalidade. Para ter sociabilidade é preciso que haja autonomização total na interação, ou seja, ela precisa estar desvinculada da realidade, deve ser pura, com interesses múltiplos e não ter outra finalidade além do prazer de socializar. A sociabilidade é restrita aos associados e aquele espaço de tempo não é compartilhável com terceiros, não pode ser acumulada e deve atender a interesses comuns. A sociação é prazerosa para as pessoas envolvidas, que se associam por vontade própria e se ligam uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si.

Elias e Dunning (1992) também abordam a questão da sociabilidade, especialmente na questão do lazer e desporto. Para os dois autores, a sociabilidade é um elemento básico do lazer. E por isso promove um

sentimento agradável de prazer ao estar na companhia de outras pessoas, livre de obrigação e por vontade própria. Nesse sentindo, o lazer proporciona uma maior interação entre as pessoas. Os autores argumentam ainda que “as categorias de sociabilidade como uma forma de passar o seu tempo livre, tanto quanto se pode ver, diferem grandemente nos diferentes estratos da sociedade” (Elias; Dunning, 1992, p. 109).

Apesar de as Boleiras realizarem essas associações de forma voluntária e lúdica, em seu contexto, o objetivo não é necessariamente o lazer, a diversão, ou estar perto das demais jogadoras, pois a cada domingo as pessoas ali presentes podem ser diferentes. No caso delas, o maior objetivo é jogar futebol, esse é o motivo pelo qual elas realizam as associações. Diferente de Simmel, para quem o indivíduo é uma entidade discreta, em Latour (2012) ele é um coletivo ou, como o autor nomeia, *actante*.⁵ Durante o trabalho de campo com as Boleiras do Aterro, um dos pontos que observei foi essa rede, que envolve homens, mulheres, os espaços públicos, redes sociais e outros *actantes*, em que minhas interlocutoras estão inseridas. É um grupo que possui um ordenamento próprio, no qual as relações são tecidas de maneira que o futebol se torna o elo, ou o conteúdo, impulso, interesse, que leva essas jogadoras até o Aterro.

Então, para compreender e descrever o grupo Boleiras do Aterro, utilizei as contribuições de Bruno Latour (2012) e sua Teoria Ator- Rede (ANT). A ANT nos ajuda a apreender de forma descritiva como a realidade se descortina e como ocorrem as agências. Para Latour, o social, tido como dado e estabilizado, deve ser questionado e explicado. A ANT é uma teoria provocativa, que modifica tudo que conhecemos como base teórica para compreensão dos fenômenos sociais. Nessa perspectiva, não existe e nunca existiu uma divisão entre sujeito e objeto, estrutura e ação, macro e micro. Essas dualidades são invenções da modernidade. Dentro das associações, esses papéis podem se inverter e um sujeito tornar-se objeto e um objeto tornar-se sujeito. As relações são heterogêneas e sempre associativas e descritivas (Latour, 2012).

⁵ Latour utiliza esse termo para incluir não humanos, pois o termo ator se refere a humanos.

Latour (2012) sinaliza que actante, que se trata de um coletivo de agências humanas e não humanas, é tudo aquilo que gera uma ação, cria movimento, transforma, traduz, modifica e até distorce o sentido e significado que ele mesmo carrega. Humanos e não humanos devem ser tratados simetricamente e a análise deve ser feita em termos de inter-relações, mediações e traduções. Um indivíduo nunca é um ser isolado, ele está sempre em relação com tudo que está ao seu redor. Assim, é importante não considerar o indivíduo ou os objetos de forma separada.

O ator não é a fonte da ação, essa causalidade não existe na ANT. O que existe é o ator enquanto alvo em movimento de um conjunto de entidades que vão se alinhar em direção a esse ator. Na ação, nunca temos a certeza de quem ou o que está agindo. Um ator em cena nunca está sozinho, ele sempre vai estar associado a outros atores. Então, a ação vai ser sempre uma atividade coletiva. Dessa forma, a rede é o conjunto das interações dinâmicas entre os actantes, que se transformam e afetam mutuamente e continuamente. Essas ações que definem as redes. A agência é uma propriedade que emerge das redes a partir da interrelação entre humanos e não humanos.

As interações entre os actantes, ou seja, as conexões criadas dentro de uma rede são chamadas de associações. Para Latour (2012) essa associação está sempre em constante movimento e é feita entre elementos heterogêneos que se encontram, se recombina e se refazem, criando novos agrupamentos. A partir das redes, ideia de um condutor que permite que as translações ocorram a partir das associações, é possível explicar uma realidade que se mostra como estável. Em rede não existe um domínio compartimentalizado – todos os domínios são formados por elementos extremamente heterogêneos – , o que existe são associações heterogêneas que se dão pelo efeito rede. Os atores são efeitos do trabalho das redes.

Na ANT, a realidade nunca é estável, é sempre fluída, performática e composta por redes que fluem, que são inconstantes e sempre em movimento. Ao explorar uma organização, como o grupo das Boleiras, a partir da teoria ator-rede, precisamos entendê-la como um efeito, uma consequência e não algo dado, pronto e estável. Para que essa organização se mantenha é

necessário que se operem várias estratégias para gerar uma durabilidade de rede. O que é mostrado como estável são, na verdade, padrões recorrentes de associações que estão em constante movimento para manter determinada estabilidade, são padrões de rede amplamente executados (Latour, 2012).

As organizações, ou grupos, são redes heterogêneas que possuem interesses comuns. Durante o trabalho de campo com as Boleiras do Aterro, o que mais me chamou atenção foi essa rede de sociabilidade, em que as associações são temporárias, pois são feitas e desfeitas semanalmente, envolve homens, mulheres, espaços públicos, momentos de lazer, objetos, fatores climáticos, comidas, bebidas, redes sociais e outros actantes – e as interlocutoras estão inseridas nessa rede.

As Boleiras compõem essa rede que, apesar se mostrar estabilizada, pois acontece todos os domingos há alguns anos, está sempre em movimento, criando novas associações e mantendo algumas já existentes a partir de um movimento de translação constante em que as relações são tecidas de maneira que o futebol se torna o elo, ou o conteúdo, impulso, o interesse, que leva essas jogadoras até o Aterro. O que é apresentado neste artigo se trata de “uma etnografia das Boleiras do Aterro” na qual o grupo Boleiras do Aterro é descrito de forma densa, revelando as associações que são feitas entres os actantes para construção dessa realidade.

A sociabilidade nessa composição é marcada por uma dinâmica que envolve não somente as partidas de futebol em si, mas momentos anteriores como as conversas no grupo do WhatsApp, disponibilidade da quadra, equipamentos, condições climáticas e momentos pós-jogo como os churrascos, as resenhas,⁶ a ida a algum bar, a relação com homens e outros elementos que iremos aprofundar abaixo.

O grupo do Whatsapp

O grupo das Boleiras no WhatsApp é elemento importante na dinâmica e manutenção do grupo. É pelo aplicativo de mensagens que se organiza, semanalmente, o próximo jogo. Somente depois de comparecer aos jogos no Aterro por três domingos consecutivos uma jogadora novata é adicionada ao

⁶ Termo muito utilizado pelas boleiras para designar esse momento de confraternização pós-jogo.

grupo do aplicativo de mensagens e passa a ser oficialmente uma Boleira do Aterro. Dessa forma, as novas integrantes ficam às cegas sobre o que irá acontecer no próximo domingo, podendo se deslocar até o Aterro e não encontrar o grupo em quadra. O grupo possui regras e todas as participantes precisam se submeter a elas para permanecerem como membras.

Para que os jogos aos domingos aconteçam, é necessário que dias antes alguma participante inicie a lista de presença. A partir da lista, é possível saber se haverá pessoas suficientes para realizar os jogos. Em alguns dias já aconteceu de no sábado à noite a lista ainda não ter sido iniciada. Nesses casos, as jogadoras mais assíduas costumam cobrar a realização da mesma. A cobrança pela lista e pela participação é comum, sempre com a justificativa de que, se não houver jogo, elas podem acabar perdendo o horário da quadra, que pode vir a ser ocupada por outras pessoas. A cobrança costuma funcionar e sempre surgem nomes na lista. Em datas como feriados costuma ocorrer mais ausências devido às viagens.

Se a lista não é feita no grupo, as Boleiras entendem, por consequência, que não haverá futebol naquele domingo que se seguirá. Assim como em situações em que não se atinge um número mínimo de jogadoras para que seja possível montar dois times, de quatro jogadoras cada e um homem como goleiro, ou seja, oito mulheres. Nesses casos, sempre há algum tipo de conflito no grupo. Algumas jogadoras ficam incomodadas quando a lista não alcança esse número mínimo de pessoas. Em alguns casos sinalizam que, apesar de o grupo ter muitas participantes, a maioria não é participativa e chamam atenção das moderadoras do grupo para excluir as jogadoras inativas que só “ocupavam o grupo”.

Também é no grupo que o jogo pode ser cancelado devido a fatores como chuva, calor intenso, falta de material ou impossibilidade do uso da quadra. A quadra utilizada pelas Boleiras não é coberta; então, em casos de chuvas ou até mesmo no calor intenso, que às vezes acomete o Rio de Janeiro, os jogos precisam ser cancelados. Durante meu trabalho de campo, diversas situações como essa aconteceram, especialmente no período das chuvas. Algumas vezes a lista estava cheia, mais de 10 participantes, e no domingo amanhecia chovendo e o jogo precisava ser cancelado.

O aplicativo de mensagens também é utilizado para conversar sobre futebol profissional. Na copa do mundo de futebol, tanto masculina quanto feminina, o grupo estava sempre movimentado, todas comentando os jogos, dando palpites técnicos, criticando e comemorando as vitórias. Em jogos de times cariocas, essa situação também é recorrente. É comum o envio de memes, áudios ou imagens com o objetivo de “tirar sarro” das Boleiras que torcem para o time perdedor. Esses assuntos, por se tratar de futebol, são permitidos no grupo e geram uma grande interação das participantes, sempre em clima amigável, mesmo com as “zoações”.

Diferentemente das “zoações” sobre futebol, durante as eleições presidenciais, assuntos sobre política surgiram no grupo e geraram conflitos e discussões. É regra, fixada na descrição do grupo, que assuntos envolvendo política não são permitidos no grupo. As moderadoras solicitaram que as mensagens de cunho político fossem apagadas e que não enviassem mais. No caso de descumprimento, as participantes poderiam ser excluídas do grupo.

Dessa forma, numa perspectiva ANT, o grupo de WhatsApp é um actante que está sempre fazendo e desfazendo associações em torno da realidade que é futebol aos domingos. As Boleiras do Aterro não existem sem o grupo do WhatsApp, elas se fazem juntamente com ele a partir dessas interrelações.

Futebol (não só) de mulheres

Desde minha primeira ida a campo, pude observar que a presença masculina no futebol das mulheres era um ponto essencial para a pesquisa. Os jogos sempre acontecem com a presença de homens como goleiros. Em todas as idas a campo, lá estavam eles atuando junto com as Boleiras como goleiros e, em alguns casos, em outras posições. Ainda no início do trabalho de campo, pude conhecer alguns desses homens que eram figuras recorrentes aos domingos no futebol das boleiras. Posteriormente, descobri que eles fazem parte de um grupo de homens que também jogam futsal todo domingo naquela quadra, e ocupam o horário das 07:00h às 09:00h, antecedendo o horário das Boleiras. Além de participarem como goleiros em todos os jogos – não houve nenhum domingo durante o trabalho de campo que não tivesse pelo menos

dois homens como goleiros –, eles possuem papel essencial na dinâmica estabelecida pelas Boleiras.

O grupo masculino é majoritariamente composto por homens adultos, na casa dos 30/40/50 anos, e que, assim como as mulheres, se reúnem semanalmente para jogar. Alguns deles se dispõem a jogar como goleiros no futebol das mulheres, e assim completar os times,⁷ tendo em vista que raramente alguma goleira está presente nos jogos. Muitas das vezes, se os goleiros não estivessem presentes, não seria possível realizar o jogo feminino. Dessa forma, eles têm papel fundamental na dinâmica desses jogos.

Ao trocar a utilização do termo “futebol feminino” para “futebol de mulheres” Kessler (2015) sinaliza que universo futebolístico de mulheres é composto por mulheres e homens que assumem diferentes papéis sociais e ressalta que, apesar de o futebol ser de mulheres, a presença masculina se faz necessária e importante. “O futebol de mulheres é um espaço de prática futebolística e sociabilidade no qual predominam as mulheres, mas elas não são exclusividade” (Kessler, 2015, p. 31).

Esse futebol não é um futebol ‘das’ mulheres, elas não o possuem e não são apenas elas que o compõem. Neste universo transitam não apenas mulheres, mas também homens que realizam investimentos de tempo, dinheiro ou emoções. O futebol é “de” mulheres, porque essa prática assume diferentes significados e suas condições materiais e sociais são diferentes, precisando se adequar ou se recriar. É um futebol que não se enquadra nas análises apenas adaptadas do futebol de homens; é um novo mundo que se apresenta, no qual as mulheres não são intrusas, mas participantes ativas (Kessler, 2015, p. 33).

Mizrahi (2018), em seu texto “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos’: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca”, mostra que a mulher é fator essencial para produção do masculino. No baile *funk*, ter mulheres consigo atribuiu poder ao homem, assim como o dinheiro. Então, os homens ficam dependentes de se fazer sempre na relação com as mulheres. As mulheres, por sua vez, não adquirem poder somente pela companhia do homem. Muitas delas usam esses homens somente para desfrutar do dinheiro, bebidas e *status*. Mizhari (2018), entretanto, afirma que os homens,

⁷ Às vezes, também é preciso jogar em outras posições, quando não tem o número necessário de jogadoras.

em muitas situações, estão cientes de estarem sendo usados pelas mulheres, mas se submetem ao jogo assim mesmo.

Da mesma forma, as jogadoras reconhecem essa importância e essencialidade da participação masculina para realização do futebol das boleiras. Elas os caracterizam como parceiros, amigos, colegas e possuem uma relação boa e amistosa com todos. Em conversa com algumas mulheres, em um dos domingos, comentei sobre a importância dos homens para que o jogo ocorresse. Nesse dia, um rapaz jogava também como “jogador de linha”⁸ completando uma equipe em que só havia três mulheres. Elas concordaram, e, segundo Lua, uma das participantes, os meninos contribuem muito para que elas não percam a quadra, pois, quando não conseguem chegar às 9:00h, são eles que seguram a quadra para elas. Normalmente, eles continuam jogando após seu horário, até que chegue um número significativo de jogadoras.

A questão dos rapazes que estão aqui, foi um casamento com a gente. Querendo ou não foi um casamento legal, porque não são todos os homens mesmo que aceitam. Eu creio que isso foi mesmo, mais por causa da idade, a maioria que está aqui, já passa dos 30 e tem uma cabeça totalmente diferente, respeita as mulheres. Esse grupo que está aqui, respeita as mulheres e eles participam muito com a gente, em relação tanto de jogar quanto no divertimento. (Lua, boleira do Aterro)

O relato de Lua sobre a relação com os homens corrobora o que pude observar nos quase dois anos de trabalho de campo, eles sempre estão jogando com elas. Sobre a relação com os homens, em um dia de churrasco, Bia me contou que é bastante amigável, embora mais distante do que a relação com as meninas. Ela também contou que alguns homens, não aqueles que sempre estão presentes com elas, algumas vezes se opõem à presença feminina e não são tão amigáveis.

Porque eles têm o futebol deles aqui e nem sempre a gente é bem-vinda para integrar o futebol deles. Na maior parte do tempo a gente é bem-vinda para integrar o espaço deles, mas às vezes não. Às vezes eles colocam certos entraves como deixar a gente esperando por mais tempo. Alguns dos colegas deles se colocam contra a nossa participação e os outros têm que vir nos defender. Às vezes rolam discussões também entre os meninos e as meninas, os meninos que

⁸ Jogadores de linha no Futsal são os quatro jogadores que formam o time juntamente com o goleiro. Normalmente se joga com um ala esquerda, uma ala direita, um pivô e um fixo.

agarram, em virtude de falas. Porque as falas dos meninos acabam sendo mais ríspidas, mais agressivas e as meninas não curtem muito a abordagem (Bia, boleira do Aterro).

Os homens quase sempre utilizam o momento pós-futebol e o momento do futebol feminino para ficarem na lateral da quadra, conversando, tomando cerveja, fumando cigarro, ouvindo música e, como acontece em alguns domingos, realizando um churrasco. As Boleiras, quando não estão em quadra, também participam desses momentos, conversam com os homens e demais pessoas que se encontram ali, algumas tomam cerveja com eles, outras um licor, e, quando tem churrasco, normalmente os times se juntam e fazem um churrasco coletivo.

Os churrascos costumam acontecer uma vez a cada mês para comemorar os aniversariantes daquele mês. Normalmente fazem uma lista, assim como a lista do futebol, e as pessoas que irão participar colocam seu nome e o que irão levar, como carnes, saladas e bebidas. Uma pessoa, geralmente dentre aquelas que moram perto, fica responsável por levar a churrasqueira. Também dividem as obrigações como: quem deve levar copos, talheres e pratos. É sempre um churrasco com muita fartura e que se estende tarde adentro, muitas vezes só sendo finalizado no final da tarde e início da noite. Em dias de churrasco, é comum que um número maior de mulheres vá ao Aterro. De acordo com Lua, é um momento de descontração e diversão. Nesses dias também é comum que namoradas, esposas, maridos, filhos e outros parentes também cheguem ao Aterro para participar da “resenha”. Essas pessoas também levam alguma coisa para o churrasco como carnes, bebidas e outras comidas.

Gi é uma jogadora que também sempre está presente nos jogos Muito habilidosa, atleta profissional de futebol freestyle⁹, na casa dos 20 e poucos anos, negra, tatuada e muito forte, possui um chute extremamente potente, que muitas vezes faz com que os goleiros se esquivem da bola. Em dos churrascos, um dos homens que sempre estava presente, mas não participava dos jogos das Boleiras, estava fazendo piadas machistas com os goleiros que

⁹ Futebol Freestyle é uma variante do futebol em que um jogador realiza manobras com uma bola ou a equilibra em várias as partes do corpo. O Freestyle se baseia na arte de compor sequências de manobras, tentando unir controle, criatividade e dificuldade, utilizando o corpo todo em interação com a bola.

jogavam com as mulheres. Sempre que os goleiros tomavam algum gol ele falava algo zombando por estarem tomando gol de mulheres. Gi se mostrou bem incomodada e irritada com essa situação e afirmou “por isso eu não gosto de jogar com homem, não suporto esses babacas, por isso não converso muito com eles”. Ao ser questionada sobre a presença masculina, ela afirmou que não era amiga desses homens e que só aguentava a chatice porque precisava deles para que o futebol acontecesse.

Gi escolhe manter uma relação amigável, mesmo que distante, com esses homens, pois assim eles seguem atuando como goleiros para que o futebol de mulheres aconteça. Apesar de gênero ser uma categoria importante ao se falar de futebol feminino, ele não aparece muito nas falas de minhas interlocutoras, nesses termos. Por mais que elas não estejam discutindo gênero, não significa que as questões de gênero não estejam sendo associadas. Então, não entendemos o gênero como algo que está dado. Não é só porque são mulheres que precisam falar sobre gênero, mas porque são mulheres jogando futebol, em um espaço público dominado por homens, com a participação masculina acontecendo de forma amigável, é que nesse contexto o gênero está sendo reiterado. É um futebol de mulheres, mas, que para acontecer, precisa dos homens. As Boleiras, conscientemente, ignoram os fatores ruins dessa relação com os homens e preservam os aspectos positivos como a garantia de que a quadra será guardada para elas, a garantia de sempre ter goleiros, os momentos de confraternização e a relação de amizade.

A relação amigável das Boleiras com os homens foi um fator surpresa na pesquisa. Não esperava, inicialmente, que elas fossem ter essa relação harmônica, mas sim uma relação conflituosa marcada pelo preconceito de gênero que acomete as mulheres que jogam futebol, como mostrado na introdução deste texto. O problema é que, ao chegar em campo, normalmente já temos as questões de gênero postas e compartimentalizadas em domínios e espera-se respostas e confirmações sobre elas. O grupo das Boleiras me conduziu para um caminho oposto e que vai ao encontro da Antropologia e da ANT, nada está dado e o social precisa ser explicado. “No mundo futebolístico de produção e reprodução de significados, o *futebol de mulheres* é também um

espaço de transformação das relações de gênero e expressão de contestações” (Kessler, 2015, p. 32, grifos da autora).

Lazer e sociabilidade

Além de futebol por si só, muitas Boleiras também têm os domingos no Aterro como momento de sociabilidade. Estar ao ar livre, cercadas de amigos, aproveitando o dia e a praia, são fatores muito importantes para a presença dessas mulheres no Aterro aos domingos.

Mel é uma mulher de quase 40 anos, negra, divorciada, tem uma filha adolescente, trabalha com contabilidade, é formada em Ciências Contábeis e é moradora do bairro de Cascadura. Ela é uma das jogadoras que mora mais distante do Aterro, aproximadamente 24km, mas, em contrapartida, também é uma das Boleiras que mais comparece aos domingos. Ela sempre chega cedo e joga com os homens. Em seu relato, ela afirma chegar bem cedo para aproveitar o dia. Normalmente se reveza entre a quadra, jogando, e a lata de cerveja que sempre estava na mão quando estava fora de quadra. Muitas vezes, ela está acompanhada de sua filha. Mel afirma que, apesar da distância, não deixa de ir aos jogos, pois “futebol é meu momento de relaxar o corpo e a mente. O domingo é o meu dia! É um dia que tiro para mim, para aproveitar e fazer o que eu gosto”. Ela ainda assinalou que gosta muito de frequentar o Aterro aos domingos, mesmo sendo longe e gastando muito dinheiro.

Eu sou Contadora, a minha profissão, o meu trabalho, o tempo todo eu trabalho sentada né, de frente para o computador. Então, isso acaba trazendo uma vida sedentária para mim, então o que eu busco aqui é exatamente isso, uma atividade que eu possa movimentar minha mente, meu corpo de forma a ter uma vida mais saudável e uma qualidade de vida (Mel, boleira do Aterro).

Dani, uma jovem negra, de cabelos curtos e loiros, aproximadamente 30 anos, natural do Espírito Santo, funcionária pública e moradora do Aterro, afirma que, para ela, o futebol também era prioridade. A jovem afirmou que parou de ir para as baladas no sábado a fim de estar bem fisicamente no domingo para jogar. Segundo ela, o futebol do domingo é o momento mais esperado da sua semana “eu passo a semana toda ansiosa porque sei que

domingo vai ter futebol”, e acrescenta que, para ela, esse momento é muito importante e feliz, fora da rotina cansativa de trabalho. Estar ao ar livre e praticando esportes é uma coisa que a deixa muito satisfeita.

Bia é uma mulher branca, ruiva, 31 anos, advogada e que mora na Lapa. Ela também sinalizou que evita ir para a balada, ou eventos com bebida alcoólica nos sábados que antecedem os domingos de futebol, para conseguir acordar disposta e jogar bem nos domingos. Esse momento para Bia é um ponto alto da semana e possui grande importância enquanto momento de lazer e socialização. Ela ainda disse que o fato de os jogos serem no Aterro traz mais motivação para que ela vá, pois sabe que além de jogar, irá desfrutar de momentos ao ar livre. Ela também aproveita a ida ao Aterro para visitar a Feira da Glória e fazer compras de frutas, legumes e vegetais.

O relato das participantes acima mostra como o lazer e a sociabilidade são elementos importantes da dinâmica do grupo e funcionam como uma espécie de extensão da agência feminina, ocupando o espaço público dentro e fora de quadra.

Futebol para todas!

Uma especificidade do grupo das Boleiras é que qualquer mulher pode participar. O número de integrantes nunca é fixo, pois pessoas novas se associam a todo momento e pessoas que já fazem parte, deixam de frequentar, mesmo que somente por um período. Não existe uma idade mínima ou máxima, um corpo ideal, nível técnico necessário, sexualidade, local de moradia ou algum outro fator que impeça que uma mulher participe dos jogos. Nas redes sociais do grupo elas reforçam que são um grupo aberto e que todas são bem-vindas. Basta uma ida ao Aterro nos domingos para confirmar a heterogeneidade do grupo. O grupo é composto por mulheres de diferentes idades – uma das fundadoras é a Maria que tem 63 anos –, diferentes corpos, diferentes etnias, diferentes habilidades técnicas no esporte, mulheres lésbicas, bissexuais e heterossexuais que residem nos mais diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Sobre essa diversidade Karla comenta que:

Na verdade, uma das coisas que me atraiu além do futebol em si é justamente essa diversidade. Eu comecei a perceber a diferença mesmo de pensamentos, de escolhas políticas, religiosas, tudo misturado, mas quando se trata de futebol o pessoal deixa do lado de fora da quadra e se une e joga. E isso também é o diferencial da gente se reunir aqui nesse espaço. Não somente por encontrar pessoas que vão jogar futebol, dividir esse hobby, mas também ter esse contato com pessoas de diferentes culturas, diferentes histórias de vida, e lugares (Karla, boleira do Aterro).

Para jogar com as Boleiras, basta chegar à quadra e solicitar a participação. Normalmente as jogadoras são muito receptivas com pessoas novas, então, sempre que chega uma nova participante, mesmo que seja somente por um dia, ela é instruída de como funciona o grupo e como é a dinâmica dos jogos. Normalmente, a pessoa só precisa aguardar a próxima partida para entrar em campo.

É comum, durante os jogos, mulheres que estejam pelo parque, ao verem as Boleiras jogarem, interessarem-se e quererem participar do grupo ou simplesmente saber mais informações para participar nas semanas seguintes. Durante meu trabalho de campo, observei diversas vezes essas interações; e os perfis dessas pessoas são os mais diversos: mulheres não brasileiras, mães, adolescentes e até idosas. Karla afirma que essa é uma especificidade muito interessante do grupo, de estar sempre recebendo pessoas novas e se renovando. Em suas palavras:

Sempre acaba se renovando assim... Claro que é necessário ter aquelas que mantêm o futebol vivo, eu vi essa necessidade. Tem que ter uma que se comprometa a estar aqui 09:00h da manhã, que se preocupe com a bola, que se preocupe em chamar meninas, que se preocupe em estar aqui guardando a quadra para manter. A gente até usa esse termo “vai morrer” porque teve outros grupos aqui que aconteceu muito isso, as pessoas se reuniam e foi diminuindo, diminuindo... até desanimou quem organizou e deixou de lado (Karla, boleira do Aterro).

O relato de Karla mostra que, apesar de parecer estabilizado, o grupo das Boleiras precisa de um esforço para se manter. Como sinalizado por Latour (2012), para que uma organização se mantenha, é necessário que se operem várias estratégias para gerar uma durabilidade de rede. No caso das Boleiras, esse esforço para que o futebol não “morra”, o cuidado com a quadra e com os materiais, a cobrança pela presença das jogadoras são os padrões recorrentes de associações que acontecem semanalmente.

Por exemplo, Eva é holandesa e veio ao Brasil estudar, mora na Glória e sempre frequenta o Aterro para andar de bicicleta ou correr. Em um desses dias, ela se aproximou e perguntou se poderia jogar. Apesar de falar português, sua pronúncia e sotaque dificulta um pouco o entendimento do que ela diz, mas isso não fez com que ela fosse impedida de jogar. Ela é uma mulher branca, loira, alta, bem magra o que a favorecia na corrida. Eva não é extremamente habilidosa, tecnicamente falando, mas joga bem o futsal e desde o primeiro contato conseguiu participar dos jogos.

Algumas mulheres que integram o grupo são mães e é comum que elas levem seus filhos para o Aterro aos domingos. Day é uma boleira que participa do grupo há algum tempo, ela é uma mulher branca, moradora de uma comunidade localizada no Flamengo e trabalha como ambulante na praia do Flamengo localizada no Aterro. Ela tem um filho pequeno e algumas vezes o leva consigo nos domingos de futebol. Nos momentos em que está em quadra a criança fica nos arredores, sempre acompanhada de alguém de sua família ou, como já aconteceu, as próprias boleiras que estão fora de quadra tomam conta e brincam com o garoto enquanto sua mãe joga.

A idade das mulheres também não é um impedimento para participação no futebol das Boleiras. Mulheres nos seus 40, 50 e até 60 anos participam dos jogos de forma regular. Uma das fundadoras do grupo, Maria, é uma senhora de 63 anos, natural do Maranhão, mas mora no Rio há muitos anos. Ela é uma mulher negra, baixinha, e aparenta ter a idade muito inferior a 63 anos, trabalha como cabeleireira atualmente e é moradora da Glória. Sempre que ela revela sua idade para alguém a pessoa se mostra surpresa. Maria está sempre presente nos jogos e é o “xodó” do grupo. Adorada por todos ela está sempre com muito bom humor, é calma e muito paciente. Em seu relato ela afirma:

Para mim esporte é vida cara, é tudo! Minha vida é essa! Quando eu não estou aqui jogando, nem em casa nem no trabalho eu venho aqui andar de bicicleta, participo de corridas. Sempre aqui no Aterro, porque eu sempre morei aqui em volta do Aterro né. Aqui é praticamente a minha casa! O Aterro é minha segunda casa, sempre! (Maria, boleira do Aterro)

Sobre ser mais velha que as demais Boleiras, Maria afirma que é uma situação muito tranquila.

As meninas nunca falaram nada disso e também se falarem eu não ligo. Eu não me troco por uma de 20 nem de 30. Eu com 63 anos me sinto mais eu do qualquer uma de 20 ou 25. Vejo as meninas cansando, se elas fizessem metade do que eu faço e chegar à idade que eu cheguei com a disposição que eu tenho elas podem dizer que elas são todas muito felizes. Quanto mais idade eu tenho, mais disposição eu tenho, mais energia eu tenho. A minha vida eu não consigo parar! A minha relação com as meninas é excelente, especialmente com a Lua que eu conheço há muito tempo, nós somos amigas (Maria, boleira do Aterro).

Karla, que sempre enfatiza a sua admiração pela pluralidade que há nas Boleiras, afirmou que essa diversidade é um ponto positivo, e, segundo ela:

Eu extraí nesses quatro anos uma amizade com pessoas... A gente se dá bem todo mundo, mas aí a gente meio que tirou um grupo do grupo do futebol onde são cinco pessoas que são completamente diferentes. No caso, diferente de idade, de pensamento, de história de vida, e de localidade mesmo, de onde mora. E através dessa amizade que surgiu aqui a gente está levando para a vida. Está além de só esse momento de estar aqui no Aterro, no futebol, mas a gente se reúne uma vez no mês, faz atividade fora daqui (Karla, boleira do Aterro).

Assim como a diversidade etária, existe também a diversidade sexual. Dentre as boleiras temos mulheres heterossexuais, lésbicas e bissexuais. Um ato recorrente é a presença de parceiros e parceiras das jogadoras nos domingos de jogo. Homens e mulheres acompanham suas parceiras e permanecem ao lado da quadra assistindo aos jogos ou aproveitando o Aterro enquanto elas jogam e muitas vezes também participam dos momentos de churrasco e interação. Sobre a diversidade do grupo, Karla afirma que:

As pessoas ainda têm muito isso de relacionar futebol feminino à sexualidade. Quando eu falo que jogo futebol já ligam a isso: as mulheres que jogam futebol são homossexuais. Dificilmente você encontra uma maioria hetero se reunindo para jogar. Isso porque eu fiz essa... nessa coisa de buscar outros ambientes, outros grupos eu vi que sempre sou a minoria. Aqui, com as boleiras, é 100% okay. Para mim independe, tanto que eu formei amizade com pessoas que são homossexuais e eu falo sobre tudo com elas, elas se tornaram amigas do meu marido, a gente sai junto. A gente fez um passeio que inclusive uniu mais ainda esse grupo, onde estavam dois casais homossexuais e eu com meu marido. O nosso grupo se chama Fut Amizade porque realmente saiu desse encontro da gente aqui e foi um processo porque quando acabava o futebol o assunto era só futebol e dificilmente alguém falava da vida privada. Com a convivência depois do futebol, de marcar um churrasco e tal que deu a possibilidade de isso acontecer. Tanto que muito tempo depois que a gente foi perceber que a gente tem uma advogada, a gente tem uma administradora, uma ex-

jogadora e aí a gente foi percebendo as histórias de vida totalmente diferentes (Karla, Boleira do Aterro).

A fala de Karla aponta a heterogeneidade dos atores dessa realidade. Como foi possível perceber também com a breve descrição de algumas jogadoras, elas são de diferentes etnias, diferentes corpos e sexualidades. Outra distinção são as profissões exercidas por essas mulheres. Dentre as participantes consegui identificar profissões como: advogada, cabeleireira, arquiteta, contadora, administradora, ambulante, professora, engenheira e doutoranda, estudantes universitárias, barbeira, empreendedora, funcionária pública e atleta. As profissões dessas mulheres comprovam o quão diferente elas são, mas que no Aterro se unem em torno de um objetivo em comum: jogar futebol.

Outro ponto de diferenciação entre essas jogadoras é o local de moradia, que impacta diretamente as experiências vivenciadas por cada uma dessas mulheres. O Rio de Janeiro é uma cidade grande e nem todas as boleiras moram próximo ao Aterro. Elas moram nos mais diversos bairros e favelas da cidade como: Copacabana, Flamengo, Lapa, Glória, Tijuca, Engenho Novo, Niterói, Cascadura e outros. O que permite que essas mulheres estejam juntas praticando futebol é justamente por ser no Aterro e ser aberto a todos. O Aterro é um espaço utilizado por toda população carioca. O fato de ser um parque público permite o acesso de todos.

Não podemos ignorar o fato de que o acesso é facilitado para aqueles que vivem nos arredores e bairros próximos ao parque. Mas não é somente esse público que o frequenta. É muito comum que famílias inteiras que moram em bairros mais distantes se desloquem para o Aterro aos domingos para aproveitar o dia e desfrutar de tudo que o local oferece, assim como fazem as Boleiras. O Aterro possui diversos espaços para atividades física, praia, gramados, espaços para crianças, além de aos domingos ser proibida a circulação de veículos. Todos esses atrativos fazem com que o parque se torne um grande espaço de lazer a céu aberto para a população aos domingos. Esse é o caso das Boleiras. Mesmo tendo que se deslocar pela cidade, muitas vezes pegando trânsito ou gastando dinheiro com transporte, ali estão elas todos os domingos. Isso tudo só é possível por esse caráter democrático e gratuito que

o Aterro do Flamengo tem para o carioca (e para os não cariocas também). A variação das participantes, a entrada e saída constante das jogadoras só é possível por ser um futebol que acontece em um espaço público.

Portanto, a partir dessa etnografia do domingo de jogo, é possível dizer que o único dado estável sobre o futebol das Boleiras é que elas vão ao Aterro aos domingos para jogar futebol. A vontade de jogar futebol é o que as une, é o que elas têm em comum. As associações são feitas para que o jogo aconteça. A diversidade do grupo é um dado primordial e que faz com que ele tenha suas próprias especificidades. O futebol funciona como elo que permite a mulheres de mundos diferentes trocarem experiências de vida.

Conclusão

As Boleiras do Aterro demonstram que o futebol amador de mulheres constitui uma prática coletiva de ocupação urbana e produção de sociabilidade que tensiona historicamente a masculinização do futebol brasileiro. Mais do que resistência à exclusão, o grupo produz novas formas de presença feminina na cidade e no esporte.

O objetivo deste artigo foi analisar como mulheres praticantes de futebol amador no Aterro do Flamengo produzem formas de resistência cotidiana, agência e sociabilidade através da ocupação coletiva do espaço público. A partir de uma compreensão do futebol para além do jogo, enquanto um fato social, em que o foco esteve nas praticantes.

Apoiada no diálogo entre Antropologia e Educação, foram levantadas questões sobre gênero, agência e sociabilidade, tendo o Aterro do Flamengo como palco para construção dessas relações. O Parque do Flamengo é um espaço público que favorece a sociabilidade e é um local de produção dessa mulher Boleira, no qual se aprende ser uma boleira e tudo que isso implica, dentro e fora das quatro linhas. Essa produção se dá a partir da interação entre mulheres (e homens) de diferentes idades, classes sociais, corpos, etnia, profissão, lugar de moradia e sexualidade, e pela sociabilidade do corpo na prática desse esporte genderizado.

Embora o espaço urbano e as quadras públicas ainda imponham desafios ao acesso feminino, é nesse ambiente marcadamente masculino que

o grupo se consolidou. Reiterando e subvertendo as fronteiras de gênero, através de uma prática cotidiana e sua presença dominical, criaram esse espaço de sociabilidade feminina no qual podemos compreender o conceito de agência, sendo resistência ou não, na ocupação de um espaço público urbano. As mulheres participantes desse grupo reconhecem e afirmam a importância de ocuparem esse ambiente e se preocupam em ser um local aberto, seguro e acolhedor para outras mulheres que também queiram jogar futebol.

A imersão no universo das Boleiras do Aterro revelou que o futebol, como espaço de socialização feminina, recusa um padrão único e universal de mulher. As trajetórias das jogadoras são atravessadas por categorias interseccionais de raça, classe e sexualidade. Elas reconhecem as discriminações de gênero, mas não reduzem sua participação sem, contudo, limitar suas vivências esportivas ao enfrentamento dessas barreiras.

O grupo das Boleiras do Aterro tem o futebol como elo. Semanalmente, acontecem associações e dissociações em que o único fator recorrente é o acontecimento dos jogos, na mesma quadra, independentemente de quais jogadoras estejam presentes. Sendo assim, uma rede é tecida nas associações que ocorrem entre humanos e não humanos, envolvendo homens, mulheres, os espaços públicos, redes sociais e outros actantes, e as Boleiras estão inseridas aqui. As relações tecidas têm o futebol como o elo, ou o conteúdo, impulso, interesse, que leva essas jogadoras até o Aterro. Nesse contexto, a rede é o conjunto das interações que acontecem entre os actantes, que se transformam e afetam mutuamente e continuamente.

Tornar-se uma Boleira é participar de uma forma de sociabilidade marcada por um ritual, e não somente nos momentos de jogo, como a entrada no grupo, a participação no grupo do WhatsApp, a lista de presença, a disponibilidade da quadra, equipamentos, jogadoras, as condições climáticas, a relação com os homens, os momentos pós-jogo como os churrascos, as resenhas ou a ida a algum bar, dentre outros elementos. Os domingos são convertidos em um potente espaço de lazer, bem-estar e desconexão das rotinas laborais. A relação com os homens mostra que o futebol feminino também pode ser um lugar de produção e transformação das relações de gênero.

O caráter aberto e público do grupo é valorizado pelas participantes e permite associações diversas entre pares que talvez nunca se encontrassem fora dali. No Brasil, onde o futebol é uma manifestação cultural naturalizada e historicamente excludente às mulheres, o Aterro do Flamengo se torna, então, um lugar onde essas dualidades são contestadas e onde as Boleiras subvertem essa ordem vigente, fazendo da quadra localizada no posto 2 um lugar de sociabilidade feminina e de aprendizagem.

Nesse contexto, a função social do jogo de futebol extrapola os limites da quadra. Nunca será apenas futebol. Essas jogadoras constituem em sua prática uma maneira única de praticar e aprender esse esporte. No Aterro do Flamengo, o jogo acontece em uma rede de relações heterogêneas, associativas e descritivas, em que os actantes se transformam e se afetam mutuamente e continuamente. Para concluir, em consonância com a ANT proposta por Latour, este relato etnográfico não busca fixar o universo das Boleiras do Aterro em uma estrutura rígida, mas sim retratar um arranjo social fluido, dinâmico e em constante transformação. Trata-se de uma realidade fluida, que está sempre em movimento, criando e desfazendo associações, mas nunca pronta. Todavia, sob as contribuições de Tim Ingold, a Antropologia cumpriu seu papel de abrir nossos olhos para novas formas de perceber o mundo e para outras possibilidades de ser uma jogadora de futebol.

Referências

ALMEIDA, Ana Letícia C. *Entrando em campo: a “pelada organizada” no Aterro do Flamengo*. 2012. 119p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CHUVA, Márcia Regina R. Parque do Flamengo: projetar a cidade, desenhando patrimônio. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 25, n. 3, p. 139-166, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0305>

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, n. 22, p. 10-17, 1994. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p10-17>

DAMO, Arlei S.; OLIVEN, Ruben G.; GUEDES, Simoni L. Sports: An anthropological perspective. *Horizontes Antropológicos*, v. 4, n. se, p. 0-0, 2008.

DARIDO, Suraya C. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. *Motriz*, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Elias. *A Busca da Excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Lisboa: DIFEL, 1992.

FARIA, Eliene L. *A aprendizagem na e da prática social: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte*. 2008. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1843/FAEC-85FJZJ>

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092005000200005>

INFORMAÇÕES sobre o uso de quadras de esporte no Aterro. *Portal Rio Prefeitura*, [s.d]. Disponível em: <https://carioca.rio/servicos/informacoes-sobre-o-uso-de-quadras-de-esporte-no-aterro/>. Acesso em: 30 mar. 2023.

INGOLD, Tim. *Antropologia e/como educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. 124p.

KESSLER, Claudia S. *Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131770>

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*, v. X, n. 1, p. 121-158, 2006. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.3009>

MAHMOOD, Saba. Agency, gender and embodiment. In: MAHMOOD, S. *Politics of Piety*. Princeton: Princeton University Press, 2005. p. 153-188.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, p. 183-314, 2003.

MENEZES, Maria Lucia P. O Aterro e o Parque do Flamengo. 50 anos de espaço público. Sucessos e conflitos. *Biblio3W Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, v. 22, 2017. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/b3w/article/view/26422>

MIZRAHI, Mylene. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. *Cadernos Pagu*, n. 52, e185215, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201800520015>

OLIVEIRA, Ana Rosa. Parque do Flamengo: instrumento de planificação e resistência. *Arquitextos*, São Paulo, v. 7, 2006. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/288>

ONO, Haruyoshi. Recuperação e revitalização do Parque do Flamengo. *Paisagem e Ambiente*, n. 15, p. 127-141, 2002.

O ATERRO do Flamengo: marco paisagístico. *Portal MultiRio*, [s.d]. Disponível em: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/3358-o-aterro-do-flamengo-marco-paisagistico>. Acesso em: 8 maio 2023.

PARQUE Brigadeiro Eduardo Gomes. *Portal Rio Prefeitura*, [s.d]. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/web/fpj/exibeconteudo?id=10245255>. Acesso em: 8 maio 2023.

SARDINHA, E.M. A estrutura do futebol feminino no Brasil. *Revista Hórus*, v. 6, n. 1, p. 92-110, 2017. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/revistahorus/article/view/993>

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. *Georg Simmel: sociologia*. Org. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.